

COLEÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE TEXTOS

Plutarco

OBRAS MORAIS

Como Distinguir um Adulador de um Amigo
Como Retirar Benefício dos Inimigos
Acerca do Número Excessivo de Amigos

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS

PAULA BARATA DIAS



Obra protegida por direitos de autor

Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

AUTOR: PLUTARCO

TÍTULO: OBRAS MORAIS - COMO DISTINGUIR UM ADULADOR DE UM AMIGO, COMO
RETIRAR BENEFÍCIO DOS INIMIGOS, ACERCA DO NÚMERO EXCESSIVO DE AMIGOS

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS: PAULA BARATA DIAS

EDITOR: CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO: 1ª/2010

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: MARIA DO CÉU FIALHO

CONSELHO EDITORIAL: JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, MARIA DE FÁTIMA SILVA,

FRANCISCO DE OLIVEIRA, MARIA DO CÉU FIALHO, NAIR CASTRO SOARES

DIRECTOR TÉCNICO DA COLEÇÃO / INVESTIGADOR RESPONSÁVEL PELO PROJECTO

PLUTARCO E OS FUNDAMENTOS DA IDENTIDADE EUROPELA: DELFIM F. LEÃO

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO: RODOLFO LOPES

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

TEL.: 239 859 981 | FAX: 239 836 733

3000-447 COIMBRA

ISBN: 978-989-8281-28-9

ISBN DIGITAL: 978-989-8281-29-6

DEPÓSITO LEGAL: 309396/10

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

POCI/2010

SoPlutarco

Sociedade Portuguesa de Plutarco

© CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

© CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

Volume integrado no projecto *Plutarco e os fundamentos da identidade europeia* e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Obra protegida por direitos de autor

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO GERAL	7
1. OS TRATADOS DE PLUTARCO SOBRE A AMIZADE	7
2. CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-CULTURAL DA PRODUÇÃO PLUTARQUEANA SOBRE A AMIZADE	39
3. A ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA DE PLUTARCO	44
4. PORQUÊ A AMIZADE? A IMPORTÂNCIA DO TEMA NO MUNDO ANTIGO E EM PLUTARCO	51
5. SOBRE A TRADUÇÃO	57
6. BIBLIOGRAFIA	58
I. <i>COMO DISTINGUIR UM ADULADOR DE UM AMIGO</i>	63
PALAVRAS INTRODUTÓRIAS	65
<i>COMO DISTINGUIR UM ADULADOR DE UM AMIGO</i> - Tradução	73
II. <i>COMO RETIRAR BENEFÍCIO DOS INIMIGOS</i>	165
PALAVRAS INTRODUTÓRIAS	167
<i>COMO RETIRAR BENEFÍCIO DOS INIMIGOS</i> - Tradução	173
III. <i>ACERCA DO NÚMERO EXCESSIVO DE AMIGOS</i>	201
PALAVRAS INTRODUTÓRIAS	203
<i>ACERCA DO NÚMERO EXCESSIVO DE AMIGOS</i> - Tradução	207
IV. ÍNDICES	225
ÍNDICE ONOMÁSTICO	227
ÍNDICE DE PALAVRAS-CHAVE	231

INTRODUÇÃO GERAL

1. Os tratados de Plutarco sobre a amizade¹

A reunião num só volume da versão portuguesa dos tratados de Plutarco que abordam o tema da amizade resulta, de certa forma, de um abuso nosso, posto que não há elementos que permitam supor qualquer intencionalidade, da parte do Polígrafo Queronense, em apresentar o *Como Distinguir um Adulador de um Amigo*, o *Como Retirar Benefício dos Inimigos* e *Acerca do Número Excessivo de Amigos* como opúsculos sujeitos a uma qualquer disposição que os agrupasse.

Variam no estilo, na dimensão, na época de composição, nos destinatários, e, sem dúvida, como os títulos permitem denunciar, no próprio ponto de vista de partida a que se sujeita, nas três obras, o vasto tema da amizade. São, cada um, uma obra completa,

¹ Adoptaremos as seguintes abreviaturas: *AD* - *Como Distinguir um Adulador de um Amigo*, de 48 F a 74D; *IC* - *Como Retirar Benefício dos Inimigos* 86, de B a 92 F; *AM* - *Acerca do Número Excessivo de Amigos*, de 93 A a 97 A

estruturalmente construída como tal, sem que se estabeleça nenhuma dependência entre elas, do ponto de vista da construção literária. Sentimo-nos, contudo, legitimados a proceder a esta reunião.

Em primeiro lugar, porque, apesar de estarem sujeitos a uma unidade de tema, os assuntos neles explanados, diversificados, não se repetem, nem se contradizem. Plutarco, embora não tenha deixado nenhuma reflexão teórica sobre o tema da amizade como fizeram muitos autores antigos, sentiu-se à vontade em discutir, dar a sua opinião, argumentar, aconselhar, ou seja, em produzir um discurso de índole pragmática para os seus contemporâneos – embora se explicitem destinatários directos - sobre os problemas que a amizade acarreta.

Acresce o facto de as três obras partilharem uma estrutura retórica semelhante, particularmente no que toca à introdução, e ao modo de o A. focalizar os tópicos propostos para discussão. Plutarco inicia os tratados apoiado na figura do estranhamento, tomando para si o papel de defesa de um ponto de vista que não é maioritário e que, à primeira vista, se revela mesmo contrário à razão. Assume, diante do destinatário e do receptor, um grau fraco de credibilidade na exposição da tese inicial, que assume contrariar o senso comum, ainda que sempre evocando autoridades filosóficas como coadjuvantes, que vai crescendo nas premissas secundárias, todas sustentadas por um discurso demonstrativo².

² Heinrich Laubsberg, *Elementos de uma Retórica Literária*, (Bona, 1967; trad. port. FCG, 3ª ed., 1982), p. 90; p. 112.

Assim, em *Como Distinguir um Adulador de um Amigo*, (48 F) é Platão que afirma que todos (*hapantas*) aprovam o homem que diz ter um elevado amor próprio. Este é um grande mal, pois leva a que se perca a objectividade que permitiria a alguém ser um juiz imparcial de si próprio. O excesso de amor próprio compromete o auto-conhecimento, e é ele mesmo chamariz para os aduladores. Nestas circunstâncias, as vítimas dos aduladores são vítimas da sua irreflexão e da sua inépcia. Em *Como Retirar Benefício dos Inimigos*, (86 D-E), se para os outros (*hoi alloi*), tal como para os homens primitivos, não ser prejudicado pelos inimigos já era uma vitória, já Xenofonte afirmara que saber extrair vantagens dos adversários é uma qualidade dos homens inteligentes. Assim, que se tome esta premissa e que se apresente o método de lucrar com as inimizades. Em *Acerca do Número Excessivo de Amigos* (93 B C), é Sócrates a autoridade evocada para torcer o argumento do senso comum, desmascarado, no passo em causa, a partir da ironia socrática, que deixa a nu a ignorância do seu interlocutor. Como pode ser negativo ter muitos amigos? Não seremos alvo de riso os que, não estando seguros de ter um só amigo, receamos cair no meio de uma multidão deles? Está, assim conquistada a atenção do destinatário, e está também assumido um tom medianamente polémico e crítico quanto aos dominantes sociais em termos de opinião comum.

A amizade é tratada quer enquanto conceito potencial, isto é, como orientar aquele que procura navegar nas águas estabilizadoras de uma relação

verdadeira, quer enquanto realidade concreta do quotidiano: ou seja, orientando o modo de agir daquele que vive num ambiente social intenso, no qual relações interpessoais marcadas pela diversidade dos intervenientes se encadeiam, e tornam mais complexo o acto de discernir e avaliar o outro enquanto fonte de bem-estar e de felicidade para o indivíduo.

Plutarco integrou nestes escritos uma reflexão coerente sobre a complexa gestão da amizade, resultando do conjunto uma abordagem integrada do que poderemos considerar ser o ponto de vista de Plutarco sobre este tipo de relação humana. Acresce, evidentemente, como sustentáculo do seu domínio prático sobre a questão, a experiência pessoal enquanto homem de intensa vida social, que soube cultivar a amizade e que dela colheu doces frutos, durante a sua longa vida. Parece, pois, natural, que um homem como Plutarco se sentisse autorizado a partilhar as suas reflexões, amadurecidas pela experiência de vida e pelo seu poder de observação.

Surpreendentemente, ao contrário das reflexões literárias e filosóficas sobre o tema, que Plutarco conheceu e por que se deixou influenciar, não entrevemos no A. a preocupação de definir teoricamente ou filosoficamente o conceito de amizade. A focalização incide sobre os aspectos concretos do que pode correr mal, ou do que compromete o gozo de uma amizade.

Plutarco recorre à sua erudição literária para se ancorar neste domínio, dela se servindo como um catalizador para apresentar uma tipologia de exemplos

e de questões que se situam nas fronteiras da amizade enquanto estado ideal de concórdia entre dois espíritos, mas que com ela não se confundem. A naturalidade com que procede à análise de temas socialmente delicados, e mesmo inconvenientes, resultam, quanto a nós, do conhecimento erudito que o autor reuniu e que lhe permitiu compor as *Vidas Paralelas* – biografias de homens famosos de diferentes momentos da história antiga grega e romana, todos fazendo parte, por razões diversas, das elites políticas e culturais. É feito, por isso mesmo, um extenso uso de *exempla* comuns aos que encontramos nas suas Biografias – episódios, anedotas, ditos famosos – para corroborar os seus pontos de vista e as suas tomadas de posição, facto que deixamos assinalado nas notas que acompanham a tradução. A tradição literária ficcional da Antiguidade está também presente, através da colação de excertos dos poetas, épicos, trágicos e cómicos, que compuseram nas suas obras retratos modelares de heróis e de mitos nos quais o enleio da amizade e a armadilha da sua aparência condicionaram a existência de personalidades como Hércules, Aquiles e Pátroclo, Agamémnon, Heitor, Menelau, Príamo, Ulisses. Dos historiadores, filósofos, oradores, e de toda a tradição literária anterior a si, retirou não só exemplos de caracteres, mas também um manancial considerável de ditos sentenciosos, máximas, provérbios, ou simples expressões que não poucas vezes se encadeiam no discurso, completando-o ou precisando-o, facto que se aplica ao estilo plutarqueano em geral.

Neste âmbito, destacam-se os casos em que Plutarco assume discordância com as autoridades mencionadas, o que não só introduz uma nota de variação e de surpresa no discurso, mas também nos permite entrever um Plutarco de rosto mais crítico e modelado, tanto pelos seus gostos literários, como pelas suas concepções ético-morais.

Não deixa, contudo, de ser um pouco desconcertante que a focalização a que Plutarco sujeita a amizade seja precisamente a da sua negação: os casos em que esta se apresenta deformada por realidades que com ela se confundem, que é o da adulação (*he kolakeia*) e o do excesso de amigos (*he polyphilia*). Temos também o desconcertante caso em que a amizade não existe de todo, sendo substituída pela inimizade (o segundo dos opúsculos), por sinal a única das situações a que Plutarco reconhece vantagens inerentes.

A noção plutarqueana de amizade baseia-se no conceito de semelhança - homoiotes) entre as partes, como se afirma em *Como Distinguir um Adulador de um Amigo* (51 B)...o princípio (arche) da amizade reside na semelhança (homoiotes) de objetivos (epiteudeuma) e de costumes (ethos), e que alegrar-se com as mesmas coisas (olos to kairein), e rejeitar as mesmas coisas (to tauta pheugein), é, de um modo geral, o que em primeiro lugar aproxima (sunagei) as pessoas, e as une (sunistes) por meio da concórdia de sentimentos (omoiopatheia)...

As duas tipologias plutarqueanas de “para-amizade”, relações que, de algum modo, imitam na superfície as qualidades da amizade; e

de “não-amizade”, relação que nega, por antítese, a essência da amizade, resultam todas elas da corrupção deste princípio da semelhança entre as partes, criando-se, portanto, um desequilíbrio estrutural: a dissemelhança de qualidade entre os indivíduos, não necessariamente uma desigualdade de condição social, política e económica, mas de carácter, de propósitos, de interesses, atrairá relações perversas, que se sustentam apenas enquanto forem motivadas externamente.

Em *Como Distinguir um Adulador de um Amigo*, um dos envolvidos neste par de atracção mútua deformada, o adulador, é aquele que reproduz, exagerando até, as vantagens, o prazer, e as virtudes dos amigos, mas tal modo de agir é motivado pela satisfação dos seus interesses particulares, e não pela promoção do benefício mútuo. Mas o outro membro deste par, a vítima do adulador, não é menos inocente: a sua dificuldade em identificar os sinais da adulação são tanto maiores quanto mais o seu carácter for escravo das paixões, quanto menos virtuoso se apresentar. O adulador está sempre pronto a reforçar as fragilidades de carácter daquele que pretensamente serve, não o contrariando, não o advertindo dos perigos, descuidos, negligências ou más acções em que se envolve. Assim, sob a capa de uma servil obediência e lealdade, esconde-se o falso amigo, todo ele doçura e prestabilidade, incapaz de um olhar crítico e frontal para aquele que admira, em teoria. Assim, fica anulada a maior das vantagens da amizade, nascida da alteridade e de liberdade de

consciência: o indivíduo não pode esperar desta relação colher o estímulo para pôr à prova, treinar e educar o seu carácter, pelo que se afunda em progressivas vicissitudes, frutos de um comportamento errático e de decisões precipitadas. O adulator apresenta ainda o perigo de, sendo ele cioso do espaço que ocupa nos afectos do seu alvo, afastar os verdadeiros amigos que poderiam exercer essa função protectora. Não servindo como amigo, cria à sua volta um deserto afectivo, que, embora prazenteiro e agradável no imediato, compromete a felicidade e o sucesso a longo prazo.

O adulator distingue-se do parasita pela perseverança, calculismo, danos provocados e subtileza de métodos. Chega, inclusivamente, a servir-se da franqueza – a *parresia* – apanágio dos espíritos livres que conscientemente se revelam aos seus pares – como modo de se valorizar diante do seu alvo, cumprindo até ao fim a sua estratégia de imitação da amizade.

Esta capacidade de se esconder entre os traços da verdadeira amizade conduz Plutarco ao desenrolar de um casuismo de comportamentos adulatorios, como forma de ilustração e de método para favorecer o reconhecimento deste mestre do disfarce. É neste passo que o texto de Plutarco ganha uma particular animação, pelo realismo e ironia dos casos documentados.

Neste domínio, estamos convencidos de que Plutarco foi bastante auxiliado, não só pela sua experiência e observação da natureza humana universal (diríamos que a leitura de certos excertos produzirão em qualquer um de nós um sorriso de reconhecimento prático das

situações descritas), mas também pela tradição literária da Comédia, concretamente de Êupolis e de Menandro, cada um deles autor de uma comédia sob o título preciso de *Ho Kolax, O Adulador*. As comediografias grega e a romana compuseram com mestria retratos do parasita “aquele que come das sobras da mesa”, e conhecem-se, dentro do género literário dramático cómico, estas manifestações explícitas de um quadro individualizado para o adulator.

Plutarco distancia-se, no entanto, do modelo da comédia. No caso de Êupolis do retrato produzido, considerando que ele se aplica mais ao parasita, e, no caso de Menandro, colocando o exemplo de adulação apresentado por este autor num nível pouco subtil, pouco elaborado. O adulator, embora, por um lado, reproduza alguns modos de agir do parasita, pertence a um outro nível de perigosidade e de subtileza de estratégia e, por outro lado, o carácter plástico do adulator apresenta modulações que ultrapassam o testemunho de Menandro.

Esta necessidade em demarcar o âmbito do seu objecto face a uma composição de carácter resultante de uma análise anterior fornece-nos indícios seguros da presença destes intertextos sobre a adulação e o adulator, pelo que será plausível pensar que Plutarco se tenha inspirado na obra de Êupolis e de Menandro, explicitamente referenciados pelo autor em 59 C e 54 B.

Indica-nos também que Plutarco assimilou criticamente o legado recebido. Ou seja, os quadros vivos

minoritária; uma certa tendência para, em determinadas fases do discurso, optar por uma linguagem sentenciosa e proverbial, de elocução breve, surgem, no nosso entender, como um forte indício da inspiração Cínica sobre Plutarco, mesmo do ponto de vista formal¹⁹. Acresce a constante comparação entre a realidade humana e paralelos recolhidos do mundo natural, estas trazidas à colação como forma de impor a natureza como senhora da fortuna, humana e cósmica, as duas condicionadas por leis e regras universais impossíveis de ser modificadas pela vontade ou pela razão humana, quer sejam ou não conhecidas pelos homens. O cepticismo de Plutarco aparece-nos como fundado na consciência dos limites da intervenção do sujeito na modificação das circunstâncias e da realidade que o envolve. Há uma atitude fatalista, por exemplo, no aceitar dos inimigos como uma realidade absoluta e no reconhecimento da inevitabilidade das falsificações da amizade.

Finalmente, encontramos presente em Plutarco algumas ideias-força comuns à moral cínica, que teriam integrado, no Cinismo Imperial, uma espécie de sùmula de filosofia popular, sobretudo a partir dos *Discursos* de Diógenes Laércio²⁰: a consciência da fragilidade humana, só ultrapassável por uma rigorosa disciplina; o propósito de felicidade, fundado no expurgar das

¹⁹ Louis Ucciani, op. cit. “Rire, ironie, dérision. Éléments pour une critique par les formes exclues”, pp. 257-270.

²⁰ M.-O. Goulet-Cazé, *L'ascèse Cynique, Un Commentaire de Diogène Laërce VI 70-71*, (Paris, 1986) (“Cynicism”, *New Pauly's Encyclopaedia of the Ancient World*, (Brill's), p. 1059.

emoções dolorosas e inúteis, como são a ira, a inveja e o ciúme, o orgulho, a tristeza, o ressentimento; o alcançar da tranquilidade e do silêncio face ao ruído imposto pelas obrigações sociais; a exigência de um treino, de um método para, primeiramente, ser capaz de se examinar a si mesmo, e, secundariamente, discernir sobre a qualidade dos relacionamentos a que se propõe.

Não será, pois, diante das ideias-chave mencionadas, difícil de prever o destino destes opúsculos de filosofia prática dedicados à amizade. Na mesma altura em que Plutarco compunha a sua obra, uma nova religião fazia a sua entrada no meio intelectual e urbano do Helenismo, adoptando uma linguagem favorecedora do proselitismo, deixando-se, nesta caminhada, interpretar e enriquecer à luz das correntes filosóficas dominantes.

Determinados aspectos da filosofia Cínica, como uma atitude crítica face à sociedade, o desprendimento em relação aos valores materiais, a renúncia às convenções impostas pela sociedade dominante, a busca da impassibilidade pela aniquilação das emoções (na nova religião consideradas vícios) através de uma ascese, irão encontrar-se com uma corrente específica do cristianismo, com propósitos renovadores, como foi o monaquismo. Vamos encontrar, particularmente nos Padres Gregos, um amplo acolhimento ao pensamento de Plutarco, mas será dentro do movimento monástico que alguns *Moralia* receberão um acolhimento verdadeiramente honorável, sendo traduzidos para Siríaco, ao serviço de uma comunidade de monges.

Um manuscrito procedente do Monte Sinai, do séc. VI, contém, juntamente com a Apologia de Aristides, três tratados morais atribuídos a Plutarco: O *De Capienda Ex Inimicis Utilitate*, o *De Cohibenda Ira (Peri aorgesias)*, e o falsamente atribuído a Plutarco *De Exercitatione (Peri Askeseos)*. Para estes monges, os conselhos de Plutarco iam ao encontro do treino necessário para o alcançar das metas espirituais a que se propunham²¹.

4. Porquê a Amizade? A importância do tema no Mundo Antigo e em Plutarco

Parecerá surpreendente o relevo que o mundo antigo concedeu à análise desta forma específica de relacionamento humano, sem paralelo no mundo contemporâneo. De facto, na *philia* ou na *amicitia*, traduzidas nas línguas contemporâneas pelo equivalente “amizade” facilmente se verifica o desvio de conceitos e de aplicação referencial entre o mundo antigo e a mentalidade do homem contemporâneo. Hoje, a amizade ocupa a esfera restrita da vida privada, e concorre com outras formas de relacionamento humano que se lhe sobrepõem, pelo menos nas sociedades ocidentais, com pontuais momentos geracionais em que o grupo de amigos se reveste de singular importância: a conjugalidade, a filiação, a família nuclear e alargada, as relações de trabalho constituem formas de relacionamento que definem, pelo menos em teoria,

²¹ Eberhard Nestle, *A Tract of Plutarch on the Advantage to be derived from one's enemies (De capienda ex inimicis utilitate) The Syriac Version*, (Cambridge, 1894).

campos semânticos e funcionalidades distintos da amizade (embora haja, obviamente, pontos de contacto, que no entanto não comprometem as diferenças).

No mundo greco-romano, nenhuma das formas de relacionamento atrás mencionadas tinha a importância, ou podia preencher a complexidade funcional contida dentro do relacionamento da *philia*, o da *amicitia*. Os conceitos estavam particularmente ligados à vida pública do homem antigo, cobrindo um leque de relações externamente assumidas, marcadas pelo compromisso de assistência e de reconhecimento do valor do outro. A amizade é assim um valor que deliberadamente se concede, marcado pela constância, pela afinidade de interesses, pela partilha de actividades e de objectivos. Tratando-se essencialmente de um acto de escolha, de vontade portanto, não há lugar para a espontaneidade ou para o relevo concedido à adesão afectiva, que nós hoje tanto valorizamos²²:

²² Jonathan Powel, “Friendship and its problems in Greek and Roman Thought”, (D. Innes, Ch. Pelling eds, *Ethics and Rhetoric, Classical Essays*, Oxford, 1995, p. 33, reflecte sobre a importância do tema da amizade na produção filosófica e ética antiga, em contraponto com a escassez do tratamento do tema no mundo contemporâneo. “The importance of *amicitia* in ancient public life it thus held to be reflected in the prominence given to it in the ethical writings of the philosophers; and since our own public life is supposed not to be based on *amicitia*; and in any case what we mean by friendship is something different, the relative unimportance of this topic in modern ethical writing becomes apparently less surprising”. Também Simon Goldhill, 1986, p. 82, apud David Konstan p. 2) “The appellation or categorization *philos* is used to mark not just affection but a series of complex obligations, duties and claims”.

*“Amicitia is not, at root, a subjective bond of affection and emotional warmth, but the entirely objective bond of reciprocal obligation; one’s philos is the man one is obliged to help, and on whom one can (or ought to be able to) rely for help when oneself is in need”*²³ (Malcom Heath, 1987: 73-74, in David Konstan, p. 2)

Nos nossos dias, não erraremos se pensarmos que, para a maioria, a amizade é motivada pelo afecto, pelo lado emocional das pessoas, um sentimento sem dúvida cultivado, mas mais abrangente nas suas manifestações, menos codificado, e integrado na esfera privada das relações interpessoais, do mesmo modo que será acertado dizermos que não fundamos a nossa vida pública ou profissional em relações de amizade.

Por outras palavras, admitimos que esta vida pública pode e deve desenvolver-se dentro dos princípios da cordialidade, da lealdade e da confiança recíprocas, mas reservamos o termo “amizade” para as esferas mais íntimas das relações humanas, remetidas para o conforto do homem enquanto entidade privada. No mundo antigo, não havia lugar para a realidade muito comum nos nossos dias, sobretudo em determinadas gerações, que é a do “amigo secreto”. A amizade existia na medida em que podia ser vista, comprovada por gestos recíprocos de dádiva, de entreatajuda, de socorro, e detinha uma importância que superava, mas não excluía, o conforto e estabilidade psicológica individual. Ainda que os termos fossem empregues em contexto em

²³ Malcom Heath, 1987: 73-74, apud David Konstan, *Friendship in the Classical World*, (Cambridge, 1997) p. 2

que sobressai a afectividade, pensamos que não será esse o ponto de vista que teria motivado a teorização antiga sobre a *philia*²⁴. Aliás, é o próprio Aristóteles que, ao definir os fundamentos da amizade, menciona o prazer na mútua companhia como algo agradável trazido pela amizade²⁵.

A importância da amizade para o homem antigo pode ser aferida pela abundante produção teórica alusiva ao tema, sem comparação com o que ocorre no mundo contemporâneo: além de ser alvo de amplo destaque como tema na literatura grega de ficção, Platão, com o diálogo *Lysis*; Aristóteles, com a *Ética a Nicómaco* e com a *Ética a Eutidemo*; Cícero, com o seu tratado *A Amizade*. Depois, há a informação de uma série de tratados desaparecidos, atribuídos a Símiias de Tebas, Espeusipo, Xenócrates, Teofrasto, Clearco, Cleantes e Crísipo. Também Epicteto escreveu um discurso subordinado ao tema. Epicuro deixou fragmentos que se revelam pertinentes para o estudo do conceito de amizade para a filosofia epicurista²⁶. Encontraremos ainda cartas de Séneca dedicadas à amizade. Também contribuíram para a discussão deste tema Valério Máximo, Luciano.

²⁴ David Konstan “Greek Friendship”, *AJPH* 117, 1, 1996, pp. 71-94 fez um estudo comparado dos contextos de utilização dos termos *philos* e *philia*, atestando o seu emprego no contexto das relações familiares, com valor afectivo. Trata-se, portanto de termos polissémicos.

²⁵ John M. Cooper, “Aristoteles on friendship”, *Essays on Aristoteles Ethics*, A. Oksenberg Rorty ed. (UCP, Berkeley, 1980), p. 306.

²⁶ J. Hilton Turner, “Epicurus and Friendship” *CJ*, 42, 6, 1947, pp. 351-355.

Na Antiguidade Tardia pagã, juntemos os trabalhos de Máximo de Tiro, Temístio e Libânio. Entre os autores cristãos, distinguiram-se Gregório Nissa e Basílio de Nazianzo; Ambrósio de Milão e Paulino de Nola, da parte dos autores latinos²⁷.

Não nos cabe fazer uma análise da evolução do conceito de amizade, ou sequer apresentar uma panorâmica que descreva o tratamento do tema pelos autores supra-citados. Concentremo-nos, no entanto, nos aspectos que estão implicados em Plutarco.

Plutarco fundamenta-se em categorias teóricas sobre a amizade que foram traçadas por Platão, Aristóteles, Xenofonte, no ocaso da cidade clássica.

Nessa medida, a reciprocidade e a identificação de propósitos, de afectos e de interesses faziam parte do cânone do relacionamento entre *philoí*, ou, à latina, entre *socíi*, indivíduos inseridos numa cidade-estado, irmanados pela partilha semelhante de papéis sociais e de actividade política. Neste contexto, a liberdade de expressão, ou a *parresia*, emerge, no contexto da cidade clássica, democrática, como um direito e uma qualidade própria do homem livre, juridicamente regulamentada, mas não condicionada ao laço da amizade²⁸.

No entanto, o mundo de referência de Plutarco é a Época Helenística, período em que as condições para a expressão política dos cidadãos se restringiram.

²⁷ Jonathan Powell, op. cit. p. 32, o elenco de autores dedicados ao tema. Também a publicação de David Konstan, *Friendship in the classical world*, faz uma apresentação exaustiva dos autores e das obras que focaram a amizade e suas deformações.

²⁸ David Konstan, op. cit. p. 92.

O poder centralizado, nas mãos de reis e de tiranos, subvertem, no âmbito da vida pública, as condições para a manifestação da amizade como relacionamento entre iguais. No período romano, foram em grande parte mantidas as características de governação nas cidades pacificadas do Oriente helenístico, sendo o poder exercido por procuradores delegados de Roma, ou por reis aliados ou vassalos do império.

No cepticismo de Plutarco quanto à possibilidade de haver boas amizades, no seu cuidado em escrutinar a casuística das suas manifestações, no modo como ele acentua os aspectos disformes ou geradores de instabilidade nas relações interpessoais, parece-nos possível entrever a consciência da necessidade em adequar uma teoria, previamente formulada para a cidade clássica, a um novo mundo, em que as relações de desigualdade e de hierarquização dominam, e em que a maioria destas não ocorre entre pares, e sim entre um grupo e um indivíduo privilegiado, portador do poder, real ou simbólico. Neste sentido, impõe-se uma disciplina à *parresia*, que passa a ser uma virtude privada, que para salvaguarda do que dela faz uso, se transforma num exercício estudado, adequado às circunstâncias, de advertência ao outro, que se tem por missão servir e agradar. A própria adulação (*kolakeia*), ou a multidão de amigos (*polyphilia*) na corte de um poderoso, se tornam características esta moldura humana, pautada pela desigualdade e por uma progressiva instabilidade no seu estatuto²⁹.

²⁹ Id., pp. 93-105. p. 101, cit. “While adulation was not

Plutarco, membro das elites, coloca-se ao lado dos que, num ambiente confuso e ruidoso, têm de escolher bem os seus relacionamentos, sem tropeçar em enganos. Estes, além de não contribuírem para a virtude individual, podem destruir a obra pública dos que se enleiam em relacionamentos defeituosos, levando, por arrasto, a perdição a cidades e a Estados. Um homem com responsabilidades públicas tem a obrigação de lutar contra os defeitos de carácter, ou vícios privados, pois afectam o seu discernimento para o exercício da vida pública.

Plutarco torna-se assim um autor em que podemos com mais facilidade colher argumentos para a definição do conceito de amizade no mundo antigo como uma interacção humana racionalizada, socialmente codificada e politicamente motivada.

5. Sobre a tradução

Foi utilizada para a tradução o texto grego da edição teubneriana de 1974, da responsabilidade de W. R. Paton e I. Wegehaut. Cada um dos opúsculos está precedido por uma introdução que o apresenta, o contextualiza na vasta produção plutarqueana, e o analisa sumariamente enquanto texto literário. Quanto às anotações à tradução, elas procuram restringir-se à identificação de passos comuns na restante obra plutarqueana, ao assinalar das fontes

unknown in democratic Athens, it was not normally articulated as an imitation of friendship. Flattery implicitly acknowledges the superior station of another, and (...) the egalitarian ideology of the democracy discouraged the representation of relations of dependency among free citizens”.

literárias utilizadas por Plutarco, ou a esclarecimentos e comentários que entendemos como enriquecedores para o acesso à obra. Sempre que nos referimos às obras de Plutarco, optámos por utilizar o título latino por que estas se fazem conhecer internacionalmente, excepto nos casos em que já está disponível a tradução em português, sendo esta a obra indicada.

6 Bibliografia:

Edições de Plutarco

W. R. Paton , I Wegehaupt, M. Pohlenz eds., *Plutarchus Moralia I* (Teubner, Leipzig, 1974), s. v. *De Adulatore et Amico*, p. 97; *De Capienda ex Inimicis Vtilitate*, p. 172, *De Amicorum Multitudine*, p. 197.

R. Klaerr, A. Philipon, J. Sirinelli (ed. e trad.), *Plutarque, Oeuvres Morales*, t. I, 2 (Paris, Les Belles Lettres, 1989).

F. C. Babbitt (ed. e trad.), *Plutarch's Moralia*, t. I *Quomodo Adulator ab Amico Internoscatur*, pp. 264-395, (Loeb, Harvard, 1969), t. II, *De Capienda ex inimicis Vtilitate* pp. 4-41; *De Amicorum Multitudine* pp. 46-69.

Outros autores e bibliografia geral

Cícero, *A Amizade*, Sebastião Tavares de Pinho trad., (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1993).

Ao passo que o ofício e a finalidade do adúlador é o de estar sempre a cozinhar e a pôr à mesa³⁸ um gracejo, uma acção, ou uma história, por prazer e para o prazer.

Dizendo-o em poucas palavras: o adúlador pensa que deve fazer tudo para ser agradável, ao passo que o amigo, ao fazer sempre o que deve, às vezes é agradável e muitas vezes desagradável, não por um desejo deliberado, mas sem o evitar apenas porque tal posição seria mais conveniente. Tal como o médico, que, se for conveniente, administra açafraão e nardo e - por Zeus - tantas vezes até, prescreve banhos retemperadores e alimentos delicados, há outras circunstâncias em que, afastando estas coisas, administra óleo de castor “ou pólio, de odor pesado e que na verdade cheira de modo terrível”³⁹, ou obriga a beber heléboro depois de o triturar, neste caso, não porque queira ser desagradável, ou porque no outro procure ser agradável, mas para conduzir o paciente, através de ambos os recursos, a atingir a cura.

B

O mesmo é o amigo, que sempre exaltando e festejando com louvores e graças, conduz ao bem, como este:

*Teucro, cabeça amada, filho de Têlamon, rei do povo!*⁴⁰

³⁸ Os verbos *opsopoiein* e *karukeuein* pertencem ao vocabulário da gastronomia.

³⁹ Nicandro, *Theriaca* 64. Acerca das qualidades da erva pólio, ver Plínio, *História Natural* 21,7 (21). 44 e 21.20 (84). O *kastorios* é o líquido oleoso segregado pelas glândulas anais do castor, com aplicações na medicina antiga como anti-espasmódico.

⁴⁰ *Iliada* VIII 281.

E:

*Como depois me esqueceria eu do divino Ulisses?*⁴¹

Mas também, quando se torna necessária uma admoestação, dirigindo-se a ele com língua certa e com a palavra franca do rigor:

C *Tresvarias, ó Menelau criado por Zeus, e de tal loucura não estás tu precisado!*⁴²

Há vezes em que simultaneamente combina o gesto e a palavra, como o caso de Menedemo, que colocou juízo na cabeça de Asclepiades, que era dissoluto e desordeiro, ao recusar abrir-lhe a porta e dirigir-lhe a palavra. Também Arcesilau, que expulsou Báton da Escola porque, numa comédia, este fez um verso contra Cleantes, e acabou por mudar de opinião, reconciliando-se com ele, depois que o tal fez as pazes com Cleantes⁴³.

D Porque, se tal é útil, é bom que o amigo cause tristeza, mas não se deve destruir a amizade com a tristeza que se causa, mas sim usá-la como se fosse um medicamento amargo, que salva e fortalece o paciente que o recebe. Por aqui se vê que o amigo,

⁴¹ *Iliada* X 243; *Odisseia* I 65.

⁴² *Iliada* VII 109.

⁴³ Arcelisau é considerado o fundador da Academia Média, tendo dirigido a escola entre 268 e 241 a.C. Cleantes será um seu contemporâneo, pertencente ao Pórtico. Quanto a Báton, é provavelmente o comediógrafo citado por Ateneu, 4, 162 b (cf. Kock, Com. Att. Frag. III 326).

tal como o músico, regulando-se através do bem e do útil, ora afrouxa ora torna tensas as cordas, muitas vezes é agradável, mas é sempre útil. Já o adulator, por costume, toca sempre o agradável e o afectuoso numa só escala, e não conhece nenhum gesto de contradição, nem palavras que façam doer, mas apenas segue o encaicho dos desejos do outro, cantando sempre a uma só voz e produzindo o mesmo som que ele⁴⁴.

Portanto, tal como Agelisau⁴⁵, de quem Xenofonte disse que de bom grado recebia os elogios daqueles que também se dispunham a criticá-lo, é também necessário ter como amigo o que elogia e que faz feliz, embora possa por vezes magoar-nos e contrariar-nos, e desconfiar da relação que se funda apenas nos prazeres, sempre com uma desmesurada capacidade de simpatia e que ignora uma palavra crítica, e - por Zeus! - ter sempre à mão o dito daquele Lacedemónio que, diante dos elogios que fizeram ao rei Carilo, disse:

E

*Ele, que nem com os maus é rigoroso, como pode ser um homem bom?*⁴⁶

⁴⁴ Cf. *Acerca do Número Excessivo de Amigos*, 96 E, sobre a metáfora da amizade como uma melodia polifónica, cuja harmonia resulta da composição de sons diferentes. Em comparação, o adulator corresponde a uma melodia a um só tom, uma monotonia, portanto. Plutarco evidencia bem, pelo recurso ao campo semântico da música, a diferença de qualidades entre a amizade e a adulação.

⁴⁵ Xenofonte, *Agelisau*, 11, 5.

⁴⁶ Arquidâmidas, segundo conta Plutarco em *Apophthegmata Laconica* 218 B.

Dizem que a mosca do gado se prende às orelhas dos touros, tal como a carraça à do cão. O adulator, tomando conta das orelhas dos homens ambiciosos, bem fixados a elas com elogios, é de igual forma difícil de arrancar. Por esse motivo é necessário ter, nessas ocasiões, o máximo discernimento, rápido e atento, para saber se o elogio é dirigido ao acto ou ao homem. É dirigido ao acto, se elogiam mais os ausentes do que os presentes; se os que o fazem desejam e aspiram às mesmas coisas; se tecem elogios semelhantes não especificamente só para nós, mas para todos nas mesmas circunstâncias; se não são apanhados a fazer e a dizer agora estas coisas, e depois o seu contrário; e, o que é mais importante, se nós próprios temos consciência de que não nos vamos arrepender das coisas pelas quais somos louvados, nem envergonhar-nos, e que não desejávamos ter feito ou dito o oposto⁴⁷.

56A Pois se o discernimento individual dá um testemunho adverso e não aceita o elogio, então também permanece insensível e intocado contra a investida do adulator. No entanto, não sei bem como, a maioria não suporta palavras de conforto nos momentos de infortúnio, e deixa-se levar mais pelos que se associam em choros e gemidos.

Mas quando estas pessoas erram, ou cometem crimes, parece inimigo o homem que, ao acusar e reprovar dos seus actos, provoca dor e arrependimento,

⁴⁷ A perspectiva de Plutarco continua a ser o aperfeiçoamento do sujeito. O melhor dos testes à amizade é considerar se essa relação promove o que de melhor tem o carácter individual de cada um.

ao passo que quem o elogia é bem acolhido, e é julgado amigo bem-intencionado aquele que louva e que aprova como positivo o que fizemos.

B

De facto, os que estão sempre prontos a louvar e a aplaudir uma atitude, uma palavra, ou algo que lhes foi transmitido a sério ou a brincar, esses são apenas prejudiciais no presente, e naquelas coisas que estão em mão. Mas os que, com os seus louvores, atravessam o carácter com a adulação e até atingem, por Zeus, a própria forma de ser, fazem o mesmo que aqueles criados que roubam, não da moinha⁴⁸, mas do próprio grão. E visto que a semente das acções é a determinação e o carácter, subvertem o princípio e a própria fonte da vida, atribuindo nomes de virtude à maldade.

Nas lutas civis e nas guerras, conta Tucídides que:

Mudaram o sentido acostumado das palavras, para justificarem as suas acções. Assim, a audácia desprovida de razão é nomeada de coragem amiga dos camaradas; o protelar cuidadoso, de refinada cobardia; a moderação, de estudada falta de coragem; e a prudência em relação a tudo, de preguiça absoluta⁴⁹.

C

É pois necessário ter as adulações debaixo de olho, e montar guarda atenta contra a prodigalidade, que é chamada de espírito liberal; contra o medo, apelidado

⁴⁸ A semente (*to sperma*) resulta da depuração do *soros*, por acção mecânica do vento exercida sobre a espiga em bruto, que depois de batida reúne palha e grão. Roubar semente é muito mais prejudicial para o proprietário do que roubar o produto numa fase anterior de tratamento, quando ele é apenas o que resulta do bater da espiga.

⁴⁹ Tucídides 3, 82.

de prudência; contra a inconstância, que é chamada de agudeza; a palavra muda, apelidada de sensatez; o homem preso à paixão, tornado bom companheiro e amistoso amigo; corajoso, que passa a ser o violento e fanfarrão; e amigo do seu amigo, aquele que é banal e grosseiro.

D Platão⁵⁰ diz que, quando o amante é adulator dos amados, ao enfadonho, lhe chama de cativante; ao de nariz adunco, de porte régio; aos morenos, de viris; aos de pele clara, de filhos dos deuses; e a “cor de mel” é normalmente uma perífrase que o amante usa para disfarçar, e mais facilmente suportar, a palidez do amado.

Depois, se o feio tiver sido convencido de que é belo, o de baixa estatura que é alto, não se mantém muito tempo o logro, e uma mossa ligeira, mas não irreparável, o atinge. Agora, quando o elogio cria o hábito de se servirem de acto vis como se de qualidades se tratassem, a ponto de não lhe causarem desgosto e sim de neles encontrar prazer, o que também arranca a vergonha nos erros cometidos...

E Esse é o tipo de elogio que destruiu os habitantes da Sicília, quando apelidaram de espírito justiceiro a crueldade de Dionísio e Fálaris. Esta atitude arruinou o Egipto, ao classificarem de piedade e de devoção fervorosa aos deuses o efeminamento de Ptolomeu⁵¹, a sua superstição, os seus uivos de entusiasmo, o seu rufar de tambores. Foi também isto que, naqueles

⁵⁰ *República* 474 E.

⁵¹ Ptolomeu Filopátor (221-205 a.C.). Cf. Políbio, 5, 34. [cf. n. 28]

tempos, reduziu a escombros, subvertendo e destruindo o carácter dos Romanos, ao ingenuamente designarem a luxúria, o desgoverno e as celebrações públicas de António⁵² como festivas e filantrópicas acções, quando ele na verdade estava ao mesmo tempo a ser servido pelo poder e pela sorte.

O que agarrou Ptolomeu ao bucal⁵³ e às flautas? O que arrastou Nero até ao palco da tragédia e lhe colocou a máscara e o coturno? Não foi o louvor dos adutores? Quantos reis não são chamados de Apolo, se trautearem ocasionalmente uma canção; e de Dioniso, quando se embriagam; e de Hércules, se lutarem; e de afortunados, se são conduzidos pela adulação a todo o tipo de vergonhas?

F

13

Por estas razões, sobretudo em relação aos seus elogios, se deve vigiar o adulator. Mas destas coisas ele não está de modo nenhum esquecido, e é habilidoso em preservar-se da suspeita. Se por ventura representa alguém de manto púrpura, ou algum rústico que enverga uma grossa pele, serve-se de todo o tipo de enganos, tal como Estrúcias, quando passeava com Bias, e com elogios fazia pouco da sua estultícia:

57A

Bebeste mais do que o rei Alexandre.

E:

⁵² Plutarco, *Vida de António* 9.

⁵³ *Forbeia* é o nome dado a uma tira de couro que o flautista ajustava em volta dos lábios para regular o som da flauta.

*Desato a rir quando penso naquela do cipriota*⁵⁴.

Agora, quando mira pessoas mais inteligentes, que o seguem de perto com muita atenção e que estão de guarda montada aí e agora, já não faz um elogio directo, mas, afastando-se para longe, move-se em círculos, “*aproximam-se sem ruído, como se caçasse um animal*”⁵⁵, tocando-o e testando-o com a ponta dos dedos. Então, nessa altura, alardeia os elogios que outros lançaram sobre si próprio, e, como fazem os oradores, serve-se de uma personagem alheia, dizendo que acaba de ter um encontro na praça, muito agradável, com uns estrangeiros ou uns anciãos, que estavam lembrados de muitas coisas boas a seu respeito e o admiravam⁵⁶. Outras vezes, novamente, fabricando e compondo ligeiras e falsas alegações que supostamente lhe eram dirigidas, acorre imediatamente, desejando saber onde se disse, ou se fez tal coisa, como se as tivesse escutado de outros. E se a pessoa se defende, como é natural, a partir desse mesmo ponto envolve o homem em louvores:

⁵⁴ Menandro, *O Adulador* (Kock, *Com. Att. Frag.* 3, 293 e 29).

⁵⁵ Não se conhece a fonte desta citação. A metáfora venatória para interpretar a dissimulada aproximação do adulator já foi usada em 51 E.

⁵⁶ Quadro comportamental semelhante surge em Teofrasto, *Caracteres*, 2 “O bajulador” (Maria de Fátima Silva trad., *Relógio d’Água*, p. 51 “Durante um passeio, diz ao companheiro: “Estás a reparar como toda a gente olha para ti? É coisa de que, na cidade, ninguém se pode gabar como tu”; “ontem, lá no pórtico, passaram-te um elogio. (...) e quando se pôs a questão de saber quem era o tipo mais distinto da cidade, foi por ti que todos começaram...”.

Eu espantava-me se tivesses dito algo de mal dos teus amigos próximos, tu que não tens na tua natureza fazê-lo dos inimigos, e se tu, que ofereceste tantas das tuas posses, tivesses tentado apoderar-te das alheias.

14

Outros, no entanto, iguais aos pintores que realçam a luz e o brilho por meio dos esfumados e do sombreado colocados ao seu lado, assim passam despercebidos, quando reprovam, acusam, criticam e ridicularizam atitudes contraditórias, e conseguem enaltecer e alimentar os vícios presentes nos que são adulados. Entre os gastadores, denunciam a moderação como sendo rudeza. Entre os arrogantes, entre os malfeitores e entre os que se tornaram ricos graças a acções vergonhosas e desonestas, denunciam como falta de coragem e de espírito empreendedor a sobriedade e o amor pela justiça. Sempre que lidam com indolentes, com ociosos e com *os que fogem da vida pública das cidades*⁵⁷, não se envergonham de classificar a actividade política como uma extenuante entrega aos interesses de terceiros, e o desejo de reconhecimento público, de vaidade inútil. Já a adulação a um orador passa por pôr a ridículo um filósofo, e entre as mulheres dissolutas, são bem vistos os que apelidam mulheres fiéis e dedicadas de serem frias para o amor e de simplórias.

Supera, porém, toda a maldade, o facto de os adultores nem em desfavor de si próprios se deterem. Tal como os lutadores posicionam o corpo

⁵⁷ Platão, *Górgias* 485 D.

E num arranjo baixo para derrubar os outros, também os adulares, ao se criticarem a si próprios, estão a deslizar sob os que estão próximos, até se insinuarem pela admiração.

Sou um miserável covarde no mar; o trabalho desgasta-me; quando alguém me insulta, fico tomado de ira, menos quando é este homem.

E diz:

Com ele nada é assustador, nem árduo, mas ele é uma pessoa singular, tudo suporta facilmente, tudo sem sofrimento.”

E se porventura se tiver a si próprio como alguém de grande senso, e desejando manter-se austero e firme diante de alguém que age de modo íntegro, lança sempre o seguinte dito:

Filho de Tideu, não me louves nem me repreendas em demasia⁵⁸.

F Mas o adular experiente não se acerca por esta via, já que existe outro recurso para um homem desta natureza. Vem, pois, para consultar a sua presa sobre os seus negócios particulares, visto que o seu discernimento é, de longe, superior, e diz-lhe que, em verdade, tem outros amigos próximos, mas que é a ele, necessariamente, que solicita.

⁵⁸ *Iliada* X, 249.

nunca fez uso de nenhuma palavra livre, e, mesmo em ocasiões sociais e em colóquios, só dizia, uma vez por outra, sem nenhuma intenção de seriedade, “*apenas aquilo que pudesse provocar o riso entre os Argivos*”¹⁰⁵, assim evocando a amizade como um pretexto para o insulto.

Muitos assuntos sérios e de tema político, de facto, são também levados à cena pelos poetas cómicos, mas como a eles se misturam o riso e a troça, estes, como ingredientes de má qualidade para a comida, transformam a franqueza em algo imprestável e inútil, a ponto de, para os que falam, nada sobrar além da fama de maliciosos e de despudorados, e para os espectadores que ouvem, nenhum benefício ser colhido do que é ouvido.

É pois outro o modo de empregar a brincadeira e o riso com os amigos: que a franqueza de linguagem tenha sempre seriedade e carácter. E, se o assunto for de grande importância, que o discurso seja, pela emoção, pela forma, e pelo tom de voz adoptado, digno de crédito e convidativo para a acção.

Pois o momento oportuno que se deixa passar causa enormes prejuízos em todos os aspectos, e destrói sobretudo a utilidade da franqueza. Isto deve ser particularmente acautelado, como é claro, quanto ao vinho e ao seu abuso. Cobre de nuvens um tempo aprazível, quem, no meio no meio de folias e de brincadeiras, lança palavras pesadas que levam a erguer o cenho e enrugam a face, como se o assunto trazido

¹⁰⁵ *Iliada* II, 215.

tivesse por fim opor-se ao deus Libertador, que, como diz Píndaro:

*Solta o laço das preocupações insuportáveis*¹⁰⁶.

A inconveniência da ocasião traz também outro perigo. As almas são, por culpa do vinho, susceptíveis à ira, e muitas vezes a embriaguez, se metida no meio, transforma a franqueza em rancor. E, em geral, o modo de agir de quem, nunca usando da franqueza no falar quando está sóbrio, solta toda a sinceridade sentado à mesa, como os cães vis, não é própria de um homem nobre, nem de uma pessoa digna de confiança, mas de um covarde. Não há, portanto, necessidade de multiplicar palavras a propósito deste assunto.

28

Há, de facto, muitos que não querem nem ousam advertir os amigos quando estes são bem sucedidos nos seus negócios, e que pensam que a boa fortuna é geralmente inacessível e inexpugnável à advertência. Contudo, na situação inversa, atacam e golpeiam os que estão por terra, e com suas mãos oprimem o colhido por uma desgraça. Tal como um rio que contra a sua natureza foi represado, vertem violentamente sobre eles a franqueza, e colhem uma certa alegria pela mudança, dada a anterior sobranceira dos amigos e a debilidade própria que então experimentavam. Não é,

¹⁰⁶ Ou seja, quem se comporta como um “desmancha-prazeres”. Berck, *Poet. Lyr. Gr. I*, 480 (fr. 248). *Luaios*, “o Libertador” é um dos muitos nomes de Dioniso.

por conseguinte, errado discutir também estes assuntos, e responder a Eurípides quando diz:

*Quando o deus concede prosperidade, quem tem necessidade de amigos?*¹⁰⁷.

A resposta é que é sobretudo aos afortunados que os amigos fazem mais falta, amigos que lhes falem com franqueza e que lhes abatam o excesso de orgulho. Aqueles a quem desce a sensatez a acompanhar a prosperidade são, de facto, poucos. A maioria necessita de estímulos externos, enviados directamente para moderar neles o encandeamento e a perturbação gerada pela sorte. Sempre que, todavia, a divindade os abate e os despoja da sua glória, nestes acontecimentos haverá advertência capaz de motivar neles a transformação.

Por esta razão, em tais alturas deixa de ser preciso o serviço da franqueza amiga, as palavras sérias e denunciadoras, mas, em tais turbulências, verdadeiramente se torna *“doce contemplar o olhar de um homem bondoso”*¹⁰⁸, aquele que oferece ânimo e conforto, como o rosto de Clearco, que, segundo diz Xenofonte¹⁰⁹, era visto cheio de benevolência e de humanidade, no meio de batalhas e em circunstâncias terríveis, e tornava mais valorosos os que enfrentavam os perigos.

Mas quem traz a franqueza e a censura a um homem atingido pelo infortúnio, tal como acontece com o uso de um estimulante para a visão num olho

¹⁰⁷ Eurípides, *Orestes*, 667.

¹⁰⁸ Eurípides, *Íon*, já citado no cap. 3.

¹⁰⁹ Xenofonte, *Anábase*, 2.6.11.

- B irritado e inchado, não cura nem alivia a dor, mas apenas acrescenta irritação à dor e enerva o que está a sofrer. Assim, por exemplo, nenhum homem saudável é áspero e agressivo com um amigo que lhe reprova as suas bebedeiras e os seus desmandos amorosos, que o repreende por ser preguiçoso, por não fazer exercício físico, por estar sempre nos banhos e em banquetes fora de horas. Já para o homem doente, todavia, não só é insuportável, como agrava a doença ouvir que:

Estas coisas só te sucederam por causa dos excessos, da indolência, da gula e das mulheres;

Dirá:

Credo homem, que assunto tão inoportuno! Estou a escrever o meu testamento, os médicos estão a preparar-me óleo de castor e escamónio¹¹⁰, e tu vens-me com advertências e com moralismos!

- C De facto, os acontecimentos dos desafortunados não aceitam nem franqueza, nem ditos sentenciosos, mas carecem de tacto e de auxílio. Quando as crianças tombam, as amas não se chegam a elas para as repreender, mas para as levantar, as limpar, compor as suas roupas e só depois disto as repreendem e castigam.

Conta-se ainda que, depois de Demétrio de Faléron¹¹¹ ter sido banido da sua pátria, levava uma

¹¹⁰ O escamónio é uma planta com pretensas qualidades depuradoras, tal como o óleo de castor (ver cap. 3).

¹¹¹ Político ateniense do séc. IV a.C., orador, filósofo, discípulo

vida anónima e modesta nos arredores de Tebas. Não ficou nada agradado ao ver chegar Crates¹¹², prevendo a franqueza própria dos Cínicos e discursos severos. Todavia, Crates aproximou-se dele com gentileza, comentando a sua fuga, que não teria nada de mal, nem era justo que tal lhe causasse pesar, pois fora libertado de negócios muito sérios e incertos. Ao mesmo tempo, exortava-o a que tivesse confiança em si próprio e nos seus propósitos. Então, Demétrio, sentindo-se confortado, recobrou ânimo e disse aos amigos:

D

Que pena que, por causa daquelas minhas actividades e ocupações, não tenha conhecido um homem como este!

Com efeito,

*“Para o que sofre, a palavra de um amigo é salutar
Tanto como as admoestações o são para o que comete
loucuras”¹¹³.*

Esta é a maneira de ser dos amigos nobres. Mas os ignóbeis e vis, os adutores dos colhidos pela prosperidade são como:

As fracturas e as luxações – assim o diz Demóstenes - *que sempre*

de Aristóteles e amigo de Teofrasto. Foi governante de Atenas em 317. Em 307 foi banido para o Egipto.

¹¹² Crates de Tebas, filósofo Cínico e discípulo de Diógenes de Sínope, que viveu entre 365 e 285 a.C.

¹¹³ Nauck, *Trag. Graec. Frag.*, Eurípides, nº 962. Também surge em *Consolatio ad Apolonium* 102 B.

que algum mal toma conta do corpo, dão logo sinal de si¹¹⁴”.

E Também estes são atraídos pelos reversos da fortuna, como se deles tirassem prazer e gozo. Com efeito, se um homem necessitar de algum aviso acerca daqueles assuntos em que tropeçou, por ter sido mal aconselhado, estas palavras são suficientes:

Essa decisão não foi por nós aprovada. Na verdade, eu próprio tudo fiz para te dissuadir¹¹⁵.

29

Então em que circunstâncias deve um amigo ser severo, e quando empregar o vigor da franqueza? Sempre que as circunstâncias o convocarem a censurar um episódio de prazer, de ira ou de soberba, ou a abater a avareza, ou a fazer frente a um hábito insensato. Dessa maneira Sólon foi franco com Cresos, que tinha sido corrompido e inflado por uma felicidade volúvel, quando este lhe pediu que previsse o seu fim¹¹⁶. Assim foi a censura de Sócrates contra Alcibíades, e lágrimas sinceras foram derramadas quando, ao criticá-lo, F procurava transformar o seu coração¹¹⁷. Idênticos foram os actos de Ciro em relação a Ciaxares¹¹⁸, e de

¹¹⁴ Demóstenes, *Da Coroa*, 198.

¹¹⁵ *Iliada* IX, 108. Estas palavras são de Nestor, a condenar Agamémnon pela decisão de arrancar Briseida da tenda de Aquiles.

¹¹⁶ Heródoto, *Histórias* I, 30-32; Plutarco, *Vida de Sólon* 20, (94D).

¹¹⁷ Platão, *Banquete*, 215 E.

¹¹⁸ Xenofonte, *Ciropedia* V, 5.5.

Platão com Díon, quando este estava no máximo do seu brilho, e atraía muitos homens para junto de si pela beleza e magnitude dos seus actos, o aconselhou a vigiar-se a si próprio e a temer “*o orgulho em si próprio, como companheiro da solidão*”¹¹⁹. Espeusipo também lhe escreveu, advertindo-o de que não se sentisse demasiado vaidoso por haver sobre si muitas conversas entre os rapazinhos e as mulheres, mas que estivesse atento ao modo como deixava a Academia bem afamada, ao dotar a Sicília com a piedade, a justiça, e as melhores leis.

70A

No sentido inverso, Eucto e Euleu, amigos de Perseu, estavam sempre junto deste para lhe prestarem favores. Enquanto este gozou de felicidade, concordavam com ele e eram-lhe submissos em tudo, como os outros. Contudo, depois que foi derrotado pelos Romanos, em Pidna, e se pôs em fuga, os outros caíram sobre ele duramente, criticando-o, recordando-lhe os seus erros e as suas omissões, acusando-o por cada coisa, até que o homem os matou, atormentado por causa da dor e da cólera, ferindo-os aos dois com um punhal.

B

30

Portanto, aqui ficou, em traços largos, apresentado o valor da oportunidade. Todavia, aquelas oportunidades que com frequência surgem, o amigo atencioso não as deve deixar passar, mas sim deve servir-se delas. Pois muitas vezes uma pergunta, uma história, uma crítica ou um elogio de factos

¹¹⁹ Platão, *Cartas*, IV 321 C. Também é citado por Plutarco na *Vida de Díon* 8 e *Vida de Coriolano*, 15.

semelhantes noutras pessoas, são como que um prelúdio para a franqueza.

c Assim se conta igualmente que Demarato viajou até à Macedónia, no momento em que Filipe tinha divergências com a mulher e com o filho. Depois de o saudar, Filipe, perguntou-lhe como é que os Gregos mantinham a concórdia entre si, ao que Demarato, que era um homem sensato e seu amigo próximo, deu como resposta:

É, de facto, muito belo que tu queiras informar-te sobre a estabilidade entre os Atenenses e os Peloponésios, enquanto ignoras tamanha revolta e dissensão¹²⁰ que grassa na tua própria casa¹²¹.

Também se portou bem Diógenes, quando, depois de entrar no acampamento de Filipe no momento em que este se preparava para combater contra os Gregos, foi levado à sua presença. Este, desconhecendo quem ele era, perguntou-lhe se era um espião, ao que ele respondeu:

Sim, sou-o em absoluto, ó Filipe, um espião da tua irreflexão e da tua inconsciência, com as quais, sem que a tal estejas obrigado, vais jogar aos dados numa hora o teu reino e a tua vida.

Decerto isto será um pouco excessivo.

¹²⁰ *Stasis* e *dikonoia* são termos pertencentes ao campo semântico da vida política. Usados para descrever conflitos domésticos, tornam-se irónicos.

¹²¹ Também em *Regum et Imperatorum Apophthegmata*, (179C) se narra o bom uso da franqueza de Demarato com Filipe.

Mas há uma outra oportunidade para a advertência, quando se é censurado por outros por causa de falhas que se cometeram, e se gera como resultado o sentimento de humilhação e de depressão. Um homem dotado usá-la-ia convenientemente, expulsando e dispersando os que criticam, e, ocupando-se ele próprio do seu amigo em particular, trazia-lhe à memória que, se algum fundamento deve encontrar-se no facto de ele estar atento, que seja para travar a arrogância dos inimigos:

De facto, com que assunto podem estes abrir a boca, ou o que podem dizer contra ti, se tu afastares e repelires todas as coisas que te valem essas críticas?

Desta forma, enquanto quem insulta magoa, quem admoesta presta um serviço.

Alguns ainda, de um modo mais elegante, censuram os amigos através das condenações dirigidas a terceiros. E assim, acusam outros das coisas que sabem que os próximos fazem. O meu professor, Amónio, numa lição vespertina, percebeu que alguns dos estudantes tinham comido uma refeição nada frugal. Então ordenou a um liberto que desse uns açoites ao seu próprio escravo, explicando que “*Não se almoça sem vinagre*”. Ao mesmo tempo lançou-nos um olhar, para que o castigo se estendesse até aos culpados.

Deve-se ainda, além disso, ser cuidadoso em usar da franqueza com um amigo na presença de muitos, tendo interiorizado um determinado episódio de Platão. Com efeito, depois de Sócrates haver criticado com mais vigor um dos seus discípulos enquanto conversava à mesa, disse Platão:

Não era melhor que lhe tivesses dito essas coisas em privado?

F E Sócrates respondeu-lhe:

E também não tinhas feito melhor se me tivesses dito isso em privado?

Contam também que, quando Pitágoras ralhou mais duramente com um discípulo em público, o jovem se enforcou e que, desde esse episódio, Pitágoras nunca mais admoestou ninguém na presença de outra pessoa.

71A De facto, é necessário que a advertência e a exposição de uma falta, tal como ocorre com uma doença embaraçante, se façam em segredo, sem nenhuma manifestação pública e sem nenhuma exibição, nem testemunhas ou mirões a assistir. Pois não é próprio de um amigo exaltar-se com os erros alheios; isso é um sofista, que representa um belo espectáculo para os presentes, igual aos médicos que operam nos teatros para arranjam clientela. Não devem permitir-se presenças alheias em nenhum tipo de tratamento, excepto na cura do orgulho, no qual se deve inspeccionar a rivalidade e

- Amor-próprio - Philautos (φίλαυτος) (AD) 49 A, 65 E, 66 E; philautia (φιλαυτία) (AD) 48 F, 66 E
- Amor, afecto, dedicação - Charis (χάρις) 51 B, 54 E, 55 B, 55 D, B, 65 A 66 D, 67 F, 70 A 72 F; acharis- ἄχαρις 64 A (AM) 93 C, 96 B; charizesthai (χαρίζομαι) 55 D 63 A, C, E 65 A 66 A
- Apreciador de novidades - Filokainon (φιλόκαινος) (AM) 93 D
- Aprender, dominar - Manthano (μανθάνω) (AD) 48 F, 58 D, 63, D, 65 A, 65 A, 65 F, 86 D, 85 F; (IC) 90 A, 90 B
- Associação- koinonia (κοινωνία) (AM) 96 D, 96 E
- Auto-domínio - Enkrateia (ἐγκράτεια) (IC) 90 B
- Avaliar - Dokimazo (δοκιμάζω) (AD) 49 E, 62 F F; (AM) 91 A, 94 B E
- Benevolência - Eunoia (εὐνοία) (AD) 49 A, 50 B, 66 D, E, 67 D, 72 A, 72 F, 73 E, 74 C; (IC) 89 C; (AM) 93 E, 95 B
- Bondade, gentileza - Praotes (πραότης) (IC) 90 E; Praos (πρᾶος) (AD) 86 B, 95 D
- Carácter, personalidade - Ethos (ἦθος) (AD) 51 E, 52 A, 52 E, 53 D, 56 B, B, 66 C, C, 67 D, 68 C, 71 E, E, 73 E, (IC) 92 C; (AM) 96 D, 97 A B; hetikos (ἠθικός) (AD) 72 B, 73 F
- Castigar - Kolazo (κολάζω) (AD) 67 D, 69 C, 89 C; (AM) 91 D, 96 C
- Cidadania, vida pública, civismo - Politeia (πολιτεία) (AD) 53 B, 57 D; (IC) 86 B C, 87 E, 92 C D; politeuo (πολιτεύω) (AM) 95 C; politikos (πολιτικός) (AD) 68 B; (IC) 86 C, C, 88 A, 91 E; (AM) 97 A
- Ciúme - Zelos (ζήλος) (AD) 52 D, 54 C, 55 F, 72 D, 86 C; duszelos (δύσζηλος) (IC) 91 B Zelotupria (ζηλοτυπία) (AD) 61 A; (IC) 91 B E; (AM) 95 D; zelo (ζηλόω) (AD) 55 F; (IC) 92 A, C, C; zelotureo (ζηλοτυπέω) (AM) 96 B
- Cólera, ira - Orge (ὀργή) (AD) 57 E, 59 E, 60 B, F, 61 A, 66 E, 67 B, 68 D, 69 A, 69 E, 70 B, 71 B, 72 B, B D, 72 F, 73 E, F, 74 A, E; (IC) 89 C, 90 B E; (AM) 95 F
- Competição - Amilla, (ἄμιλλα) (IC) 87 F, 92 B; Amillaomai (ἀμιλλάομαι) (AD) 51 B

- Concordar - susofroneo (συσσωφρονέω) (AD) 64 C
- Concórdia - Homonoia (ὁμόνοια) 70 B
- Concórdia de sentimentos - Homoioipatheia (ὁμοιοπάθεια) (AD) 51 B, E, 53 F; Homoioipatheo (ὁμοιοπαθέω) (AD) 72 B; homoioipathes (ὁμοιοπαθής) (AD) 51 E
- Conduta de vida - Diaita (δίαιτα) 51 E, 52 E, 52 F; (IC) 87 D, 88 B, 90 C
- Controlar-se, moderar-se, pensar - Sofronizo (σωφρονίζω) 71 E; (IC) 87 E; sofron (σώφρων) (AD) 56 C, 62 E, 74 B; sofroneo (σωφρονέω) (AD) 64 C, 88 C; (IC) 92 C
- Costume - Ethos (ἔθος) 51 E; (IC) 91 B
- Desafio, questão, dilema - Krisis (κρίσις) (AD) 49 E, 52 A, 55 F; (AM) 94 B; krino (κρίνω) (AM) 94 B, F; diakrino (διακρίνω) (AD) 48 E, 50 B, 54 E; (AM) 95 A; Apokrino (ἀποκρίνω) (AD) 61 C, 68 E; (AM) 92 B, 93 B
- Desejar - Epithumeo (ἐπιθυμέω) (AD) 61 F, 62 B; Epithumia (ἐπιθυμία) (AD) 62 F
- Desejo, vontade - Prothumia (προθυμία) (IC) 90 F; prothumos (πρόθυμος) (AD) 50 B, prothumos 50 B, 51 B, 53 B, 62 C, 64 D, 73 C; aprothumos (ἀπρόθυμος) (AD) 74 A, 87 F
- Desprendimento quanto à vida pública - Apragmosune (ἀπραγμοσύνη) 53 A B; (IC) 87 A
- Despreocupação, ausência de cuidados - Ameleia (ἀμέλεια) (AD) 59 F; (AM) 95 D, D
- Desprezar, desdenhar, desvalorizar - kataphroneo (καταφρονέω) (AD) 66 E; (IC) 87 E, 89 F
- Diferença, desigualdade - Diafora (διαφορά) 51 D, 52 A, 53 B, 54 D, 62 C, E, 63 C, 67 C, C, 70 B, 72 E; (IC) 87 C, 91 D; (AM) 95 F, 96 D
- Discurso, diálogo, conversa - Diatribe (διατριβή) 51 E, F, 58 F, 61 B, 70 E, 71 E
- Discussão, divergência - Diabole (διαβολή) 59 D, 61 C, E, 65 C D D; (IC) 90 A
- Disfarce, aparência externa - Schema (σχῆμα) (AD) 51 A, D, 56 C,

- 61 A, 68 C; Schematizo (σχηματίζω) (AD) 51 B suschematizo (συσχηματίζω) 52 B; Aschematistos (ἀσχημάτιστος) (AM) 97 A
- Dissoluto - Akolastos (ἀκόλαστος) (AD) 57 D, 61 B, 88 C, D; (AM) 93 C; Akolasia (ἀκολασία) (AD) 56 E, 74 B; (IC) 89 E
- Doce (sensorial)- Glukus (γλυκός) (AD) 49 B, F, 50 A, 51 C, 53 B, 59 D, 67 B, 69 A; glukuthumos (γλυκύθυμος) (AD) 67 A
- Doce, agradável, que dá prazer (emocional)- Hedus (ἡδύς) (AD) 49 D, 50 A, B, 53 E, 55 A, 55 D, D, 64 B, 65 A; (AM) 94 F; hedusma (ἡδυσμα) (AD) 49 F, 51 C, 54 F, 67 E; hedone (ἡδονή) (AD) 49 F, 50 A, 50 C, 51 A, B, 54 D, E, 54 E, 55 A A, 55 E, 60 B, 61 E, 63 A B 64 B 66 A 69 E; (AM) 94 B; hedupatheia (ἡδυπάθεια) (AD) 61 E; hedomai (ἡδομαι) (AD) 53 A, 63 E; philedonia (φιληδονία) (IC) 88 D
- Doença - Nosema (νόσημα) (AD) 49 C, 60 D, E, 70 F, 71 A, 73 D; Noseo (νοσέω) (AD) 51 E, 53 F, 63 D, 69 , 87 C, D; (IC) 96 D; sunosein (συννοσέω) (AD) 64 C
- Dor, sofrimento, pena - Lype (λύπη) (AD) 49 F, 53 A, 55 C, D, 57 E, 59 D, 60 B, B, E, 66 A, 68 A, D, 70 B, E, 71 C, 73 E, 74 B, D E; (IC) 86 B, 88 D, 92 B E, (AM) 94 D E; Lupeo (λυπέω) (AD) 55 C, D, 60 B, 61 B, 66 B, 73 E; 59 D, 49 B, 66 C 69 A 69 D, 73 F; alupos (ἄλυπος) 50 B, 57 E, 86 B, (IC) 92 B
- Elogio, louvor - Erainos (ἔπαινος) (AD) 50 B, 55 B, 55 E, 56 A, D, E, F, 57 A, A, B, 58 A, B, B, B, 70 B, 72 D, 73 C, D; (IC) 91 A, A; eraineo; (ἐπαινέω) (AD) 49 E, 50 B, B, F, 52 A, 52 F, 53 A, 55 D, E, F, 56 A, B, B, 57 C, 58 B, F, 60 E, 61 B, 66 A 66 B; (IC) 88 B, 90 F, 91 A A; (AM) 93 C; erainetes (ἐπαινέτης) (AD) 51 F, 53 B
- Emoção, paixão - Pathos (πάθος) (AD) 51 A, 52 A, 53 A, F, 60 D, 61 E, F, 62 B, 63 B, 64 A, 65 F, 67 B, 68 C, 71 A, 74 B; (IC) 86 B, 87 D, 88 F, 90 B, 91 C E; 92 A, 95 C; (AM) 96 A, D, 97 A, D; Apathes (ἀπαθής) (AD) 56 A, 61 A, 72 A, 72 B; sumpathes (συμπαθής) (AD) 52 E, 54 A; (AM) 90 F.
- Escolher, apontar, denunciar - Elencho (ἐλέγχω) (AD) 49 D, 52 A, 58 A, D, 66 A, 67 B, 71 C, 72 A, 74 C; (IC) 89 C; (AM)

- 94 C; exelencho (ἐξελέγχω) (AD) 50 C, 58 C, 61 B, 65 B, 69 F, 72 F, 73 E; elenchos (ἐλεγχος) (AD) 53 B, 56 A, 59 B, 63 E; (IC) 91 D
- Excesso de amigos - Polyphilia (πολυφιλία) (AM) 93 A-97 B passim; polyphilos (πολύφιλος) (AD) 65 A; (AM) 94 B
- Exercitar - Gumnazo (γυμνάζω) (IC) 90 E; (AM) 93 A; agumnnasia (ἀγυμνασία) (AD) 69 B
- Experiência - Empeiria (ἐμπειρία) (AD) 49 E, 57 F, 58 A, D
- Experimentar, testar - Peiro (πέιρω) (AD) 49 F, 51 E, 57 B, 59 C, 64 E; (AM) 92 C; Apeiros (ἄπειρος) (AD) 54 B; Apeiria (ἀπειρία) (AD) 66 D
- Felicidade, Bem-estar - Eudaimonia (εὐδαιμονία) (AD) 58 D; Eudaimonizo (εὐδαιμονίζω) (AM) 94 A; Eudaimon (εὐδαίμων) (AD) 60 F
- Filantropo - Philanthropos (φιλόανθρωπος) (AD) 55 A, 56 C, 56 E, C, E, 69 A; (IC) 88 C C
- Finalidade, objetivo - Telos (τέλος) (AD) 54 D, E, 55 A, B, 69 F; (IC) 86 D
- Franqueza, sinceridade - Parresia (παρρησία) (AD) 51 C, C, 55 B, 59 A, B, C, D, E, 60 B, D, 61 A, B, 61 C, C, 66 A-74 E passim, parresiazomai παρρησιάζομαι (AD) 50 B, 60 B, C, 62 B, 66 A-74 E passim; (IC) 89 B
- Ganância, avareza - Philarguria (φιλαργυρία) (AD) 69 E, 74 B; Philarguros (φιλάργυρος) (AD) 60 D
- Gentileza, simpatia, afabilidade - Philofrosune (φιλοφροσύνη) (AD) 61 D; (IC) 95 A
- Grandeza, agnanimidade, orgulho - uropsia (ὕποψία) (AD) 61 F, 62 F, 67 C; (IC) 89 F; Hupsos (ὕψος) (AD) 63 D, 65 E
- Hábito de vida, costume - Epitedeuma (ἐπιτήδευμα) (AD) 51 B, E, E; (IC) 97 A
- Igualdade no uso da palavra - Isegoria (ἰσηγορία) 66 D
- Igualdade, imparcialidade - Isotes – (ἰσότης) (AD) 54 C
- Imitar - Mimeomai (μιμέομαι) (AD) 50 A, 52 A, B B, 53 C, E, 54 D, 74 D; (IC) 92 F; mimethes (μιμητής) 53 B, apomimoumai

- (ἀπομιμέομαι) 53 C; amimetos (ἀμίμητος) (AD) 51 C, 53 D, 59 B; mimesis (μίμησις) (AD) 51 C, 54 B
- Impotente, incapaz - akrates (ἀκρατής) (AD) 49 E, 55 D, 59 B, 61 B, 66 B, 72 B; (IC) 90 C
- Independência - Autarkeia (αὐτάρκεια) 57 C
- Inimigo, rival - Ekthros (ἐχθρός) (AD) 49 A, 50 F, 56 A, 57 B, B, 67 D, 68 B, D, 70 D, 74 C; (IC) passim; (AM) passim
- Insultar, criticar - Loidoreo (λοιδορέω) (AD) 49 A, 57 C, 60 D, 61 B, 66 A, 69 B, 70 C, D, D, E; (IC) 88 C, C, E, E, F, 89 A, 89 B, B, B, D, D, 90 B, D, D, E; loidoria (λοιδορία) (AD) 68 B, E; (IC) 88 D, D, E, 89 C, 90 C, D, E
- Insultar, ofender - Psego (ψέγω) (AD) 50 B, 51 F, 52 F, 53 A, A, 55 D, 57 C, C, D, 60 B, E, 66 A, A, B, 69 B, B 70 D 74 B 74 C; (IC) 89 A; psogos (ψόγος) (AD) 50 B, 56 A, 59 B, 70 B, 71 D, 72 D, 73 D; (IC) 88 D, 97 B
- Inveja - fthonos (φθόνος) (AD) 50 B, 53 B, 54 B, C, 60 B, 61 D, E, 65 B B; (IC) 86 B, 91 B; 92 A, A, C; fthoneo (φθονέω) (IC) 91 A, 92 A; (AM) 96 B; afthonos (ἄφθονος) (AD) 50 B; philofthonos (φιλόφθονος) (IC) 91 B
- Jactância de espírito, orgulho - Phronema (φρόνημα) (AD) 61 E 65 E, 68 E
- Lamentar - Aniaio (ἀνιάω) (AD) 61 B, 69 A; (IC) 88 B, C; (AM) 95 D
- Lealdade - Pistis (πίστις) (AD) 65 E, 72 A; (IC) 91 A; Pistos (πιστός) (AD) 53 E, 64 F; Pisteuo (πιστεύω) (AD) 50 B, 53 A, 57 F, 58 A, 61 F; (IC) 91 E; Apistia (ἀπιστία) (AD) 50 F, 53 E; Apistos (ἄπιστος) (AD) 61 E; Apisteo (ἀπιστέω) (AD) 65 F, 86 E
- Liberdade, civilidade - Eleutheria (ἐλευθερία) (IC) 92 D; eleutheros (ἐλευθέρος) 52 A, 60 C, 63 F, 64 B, 68 B, 74 B; (AM) 96 A; Aneleutheria (ἀνελευθερία) (AD) 50 D; Aneleutheros (ἀνελεύθερος) (AD) 60 D, 61 E, 63 B; (IC) 88 C, F, F, 92 D
- Luto, angústia - Penthos (πένθος) (IC) 84 F, 86 E, 95 C
- Magnanimidade, grandeza de carácter - Megalofrosune (μεγαλοφροσύνη) 67 E; (IC) 88 B, 90 E

- Mesquinhez - Mikrologia (μικρολογία) (AD) 56 C, 60 D, 74 B
- Método, meio - Methodos (μέθοδος) (AD) 86 E
- Moderado, medido, equilibrado - Metrios (μέτριος) (AD) 66 D, F, 73 E, 74 B; (IC) 91 F, (AM) 95 E, F
- Necessidade - Ananke (ἀνάγκη); anankaios (ἀναγκαῖος) 51 B
- Oportunidade, momento adequado, ocasião favorável - Kairos (καιρός) 49 D, 50 B, 54 D, 60 E, 62 A, 66 B, 67 C, D, D, 68 C, 69 E, 70 B, 70 C, D, 73 B, D, 74 C, D; (IC) 90 E; (AM) 95 B C; akairos (ἄκαιρος) (AD) 54 D, 60 E, 66 B, 68 C, 69 B; akairia (ἄκαιρία) (AD) 68 D, 69 B
- Ordem, pedido - Epangelia (ἐπαγγελία) (AD) 62 D, E, 64 B
- Paciência - Anexikakia (ἀνεξικακία) (IC) 90 E
- Parente, próximo - Sungenes (συγγενής) (AD) 48 F, 53 E, 54 A, 59 D, 72 D, 96 E
- Providência, prudência - Pronoia (πρόνοια) (AD) 49 C; (IC) 92 D
- Professor das primeiras letras - Grammatikos (γραμματικός) 59 F
- Propósito, intenção, pensamento - Phronesis (φρόνησις) (AD) 57 F, 58 E; phronimos (φρόνιμος) (IC) 87 B
- Proximidade, convivência, intimidade - Sunetheia (συνήθεια) (AD) 51 A, 52 A, 53 C, 87 E, 91 C, 93 D; (AM) 94 B, 94 D, 94 E F, 95 B, 97 B; Sunethes (συνήθης) (AD) 51 F, 53 C, 57 C, 57 F, 68 A, 70 C, 70 E, 73 A, 74 E; (IC) 87 C, 90 B, 91 E; (AM) 94 E; Philosunethes (φιλοσυνήθης) (AD) 56 C
- Purificar - Cathairo (καθαίρω) 59 D, 67 E; Purificação, purga (ἀποκάθαρσις) (AD) 51 A; (IC) 91 F
- Raciocínio, pensamento – logismos (λογισμός) (AD) 61 E, F, 64, 68 F; (IC) 87 E, 90 C
- Razoável, moderado - Epieikes (ἐπιεικής) (AD) 49 B, 51 E, 54 D, 67 D, 71 F, 73 D, 74 E; (IC) 87 D, (AM) 90 F; Epieikeia (ἐπιείκεια) (AD) 60 E, 69 B
- Rejeição, ódio pelas coisas vis-Misoropenia (μισοσπονηρία) (AD) 56 E, 59 E

- Rivalidade, espírito de competição - Philoneikia (φιλονεικία) (IC) 86 B, 91 C, E, 92 A A; philoneikos (φιλόνεικος) (AD) 71 A; (IC) 92 B
- Semelhança, igualdade - Homoiotes (ὁμοιότης) (AD) 50 F, 51 B, D, 53 D, E, 54 A, C, 60 B, E, 61 F, 65 B, 70 B, 89 E, 96 D, 96 E; 90 A, 96 D, 96 E; homoiios (ὅμοιος) (AD) 51 E, 52 A, A, 52 B, 53 D, E, F, 54 F, 55 F, 60 B, 60 E, 61 F, 65 B, 70 B, (IC) 89 E, (AM) 96 D, 96 E; homoiiosis (ὁμοίωσις) (AD) 53 B; Exomoio (ἐξομοίω) (AM) 96 F; Homoiotropos (ὁμοιότροπος) (AD) 52 A
- Ser generoso - Euergeteo (εὐεργετέω) (AD) 63 E; euergesia (εὐεργεσία) (IC) 88 C
- Serviço prestado, obrigação, disponibilidade - Hupourgia (ὕπουργία) (AD) 50 C, 51 B, 62 B, D, 63 C, 64 B, E; (AM) 95 A; Hupourgos (ὕπουργός) 63 B; hupourgew (ὕπουργέω) 64 C; (AM) 95 C
- Serviço, necessidade, utilidade - Chreia (χρεία) (AD) 49 D D, 51 A, B, 54 E, 62 B, 64 B, 64 D, 71 D; (IC) 86 E, 90 F; (AM) 94 B, 95 F; chraomai (χράομαι) 51 E, 54 F, 56 D, 64 A, 68 A, 69 E, 70 B, 70 D, 70 E, 73 D, 74 C; (IC) 86 D, F, 87 A B 89 F F F; 91 C E; (AM) 93 E 94 B 95 E; chrestos (χρηστός) 55 E, 73 D; (IC) 87 B 88 B, 92 D; (AM) 97 A; achreston (ἄχρηστος) 68 C; (IC) 88 E; chresimos (χρήσιμος) 68 C C, 72 B; (IC) 88 E, 89 B, 90 A E; chrestotes (χρηστότης) (IC) 88 C, 90 F, F; euchrestia (εὐχρηστία) (AM) 87 E, 95 B; duschreston (δύσχρηστος) (AM) 95 B
- Simplicidade, sinceridade - Haplotos (ἀπλότης) (IC) 90 E
- Situação inultrapassável - Aporia (ἀπορία) (AD) 49 F
- Sofrer - Algeo (ἀλγέω) (AD) 60 B, B, 66 B B E, 70 B, 74 B, D
- Sossego, quietude, ausência de perturbação - Hesychia (ἡσυχία) (AD) 53 A; (IC) 90 D E
- Técnica, arte, habilidade - Techne (τέχνη) (AD) 50 C, 58 E, 86 E, F; Atechnos (ἄτεχνος) 51 C, 53 D, 66 D, 68 B
- Testar, examinar – antexetazo (ἀντεξετάζω) (AD) 65 B; Exetazo (ἐξετάζω) 74 C; (AM) 94 C C
- Transformação, mudança - Methanoia (μετάνοια) (AD) 56 A, 68 F; Methanoeo (μετανοέω) 74 C

- Treinador - Aleiptes (ἀλείπτης) 59 F
- Treino, exercício-Askesis (ἄσκησις) (IC) 90 B D, 91 B
- Útil, prestável - Ophelimos (ὠφέλιμος) (AD) 49 E, 51 D, 54 E, 55 D, 58 F, 59 D, 70 D, (IC) 86 B, F, 87 B, D, 89 B, (AM) 94 E; orheleo (ὠφελέω) (AD) 55 C, 64 B, 68 A, (IC) 86 C D E, 90 A, 91 E; (AM) 96 C; orheleia (ὠφέλεια) (AD) 64 D, (AM) 91 B; (IC) 87 B 89 B, 91 B
- Vaidade, amor pelas honrarias, busca do reconhecimento externo - Philotimia (φιλοτιμία) 57 D; (IC) 92 D; philotimos (φιλότιμος) (AD) 49 B, 55 E, 73 B, 92 C; philotimeomai (φιλοτιμέομαι) (AM) 95 C
- Vaidade, amor pelas vanidades - Kenodoxia (κενοδοξία) 57 D
- Vergonha - Dusopia (δυσωπία) (AM) 95 A
- Vigiar, guardar - Phulatto (φυλάσσω) (AD) 50 D, 56 F, 60 E, 62 A, 64 E, 65 C, 66 E, 69 F, 71 D, 73 A, 73 B, 74 C; (IC) 87 E, 89 E, 91 C, D, 92 F; (AM) 96 D; paraphulatto (παραφυλάσσω) (AD) 53 C, 55 F, 56 C, 74 E; (IC) 91 D, 92 B; phulakteos (φυλακτέος) (AD) 56 F, 68 C, 72 D; phulakeus (φυλακεύς) (AD) 61 C, diaphulatto (διαφυλάσσω) (AD) 54 C, 61 D, 87 D
- Virtude - Arete (ἀρετή) 56 B, 58 E, 66 C, 72 A A; (IC) 90 B, 92 E E; (AM) 93 B B, 94 B, 96 C D
- Sorte, fortuna, acaso - Tuche (τύχη) (AD) 56 F, 63 D, 68 F; (IC) 87 A, 90 A; (AM) 94 C, C, 95 B; dustuqueo (δυστυχέω) (AD) 56 F, 63 D, 68 F; (IC) 87 A, 90 A; (AM) 94 C, 95 B; eutuchia (εὐτυχία) (AD) 65 E, 69 F; (IC) 92 C; (AM) 97 A; Eutuecho (εὐτυχέω) (AD) 68 E, E, 68 F, 69 D, 70 A; (IC) 91 A; (AM) 96 C; Atuchema (ἀτύχημα) (AD) 56 A, 72 B

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais – Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais – Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

Plutarco soube, durante a sua vida, rodear-se de um enorme círculo de amigos. A sua intensa vida pública, social e cultural, ter-lhe-ia facultado a experiência para sujeitar, na maturidade da sua vida literária, as teorizações e os exemplos antigos da *philia*, e em particular a teoria aristotélica sobre a amizade (*Ética a Nicómaco*), a uma leitura crítica, adaptada aos novos tempos das cidades helenísticas sob domínio e influência romana do séc. II d.C.

Esperemos, portanto, encontrar nestas reflexões de Plutarco um fundo ético-moral, de objectivos vincadamente pragmáticos e metodológicos, sobre como distinguir os verdadeiros amigos da massa corrupta que os imita; sobre o modo de hierarquizar e seleccionar os dignos de afecto entre a multidão de conhecidos que se abeira, em especial, dos poderosos e afortunados; por fim, sobre como transformar a adversidade dos inimigos em vantagens objectivas para quem deles não pode escapar.

Estranhos e paradoxais tempos são estes os de Plutarco, e por outro lado tão semelhantes aos nossos, quando a atracção pelo sucesso fácil, e a ânsia por integrar o circo da popularidade tornam as relações humanas intensas mas fugazes, e por isso distantes do valor de uma amizade verdadeira. Aqui encontraremos, pois, não só um válido testemunho sobre a vida social do mundo antigo, como também mensagens e conselhos eficazes para o nosso contemporâneo.